
FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE: PERSPECTIVAS PARA PRÁTICAS EDUCATIVAS

BATISTA, Samara Tavares
samarinha_cg@hotmail.com
ALVES, Samara Marques Dias
sam_marques_d@hotmail.com
(Graduandas do curso de Pedagogia / UFCG)

1. Introdução

O significado Patrimônio por muito tempo repassou-se como um conjunto de conjunto de bens materiais que estão intimamente relacionados com a identidade, a cultura ou o passado de uma coletividade. Desse modo, até hoje a noção de patrimônio também estava articulado a um leque de valores artísticos e estéticos. Preso ainda à construção de monumentos e esculturas, o patrimônio deveria carregar em seu bojo a tradicional obrigação que a arte tinha em despertar o senso de beleza e harmonia entre seus expectadores. Com isso, as produções artísticas e culturais que poderiam evocar a identidade e o passado das classes populares, ficavam plenamente excluídas em tal perspectiva.

Diante disso, as noções sobre o espaço urbano, a cultura e o passado, foram ganhando outras feições que interferiram diretamente na visão sobre aquilo que pode ser considerado patrimônio. Sobre tal mudança, podemos destacar que a pretensa capacidade do patrimônio em reforçar um passado e uma série de valores comuns, acabou englobando outras possibilidades que superaram relativamente o interesse oficial do Estado e as regras impostas pela cultura erudita.

Segundo Lemos (2004), há três categorias distintas que compõe o patrimônio, o primeiro se refere arrola os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente, tais como: rios, águas, peixes, árvores, entre outros. O segundo refere-se ao conhecimento, as técnicas, ao saber e ao saber fazer, que são os elementos não tangíveis do patrimônio cultural, ou seja, compreende toda a relação de sobrevivência do homem com o meio ambiente. E por último, o elemento primordial para se construir um patrimônio cultural histórico, pois trata dos bens culturais, no qual englobam objetos, artefatos, construções que são obtidas através do meio ambiente e do saber fazer.

Sendo assim, vale ressaltar que a História cultural urbana vem trabalhando as representações que se constroem sobre a cidade e que dizem respeito às formas de percepção, identificação e atribuição de significado ao mundo. A cidade é objeto de múltiplos discursos a revelar saberes específicos ou modalidades sensíveis de pensar e de expressar o fenômeno urbano. De acordo com Fani (2009), a cidade não é só um amontoado de prédios e carros, é também a relação de homem com a natureza e com o próprio homem.

Por muito tempo, a escola e a família eram consideradas as únicas instituições confiadas para a educação e da formação das novas gerações. No entanto, hoje essa representação está mudando, uma vez que estas instituições passam por grandes transformações devido aos desafios apresentados pela sociedade da globalização.

A expansão da influência dos outros espaços formativos na construção das identidades que é consequência da crise do papel da família e da escola no processo de socialização dos indivíduos. Desse modo, a cidade é considerada como um agente educativo e assim foi entendida pelas diferentes civilizações, que segundo Gómez-Granell e Vila (2003), a cidade é um lugar onde as pessoas se reúnem para conviver, aprender, participar da vida social e política, como também exercer seus direitos de cidadão.

Desse modo, pensamos a Feira Central de Campina Grande como um espaço formativo e de grande relevância para educação, tendo como objetivo abordá-la a partir de uma perspectiva do patrimônio histórico cultural, resgatando a memória coletiva, situando-a como um lugar propício para a cultura e educação. Este artigo verifica o modo como os trabalhadores se agregam no citado ambiente, atentando para as múltiplas formas de sobrevivência que ali eles desenvolvem e observando até que ponto suas atitudes podem ser consideradas como uma expressão de educação, por meio do patrimônio, já que essa cultura é repassada de geração para geração.

A justificativa da escolha desta temática é, em função de julgarmos pertinente apresentar uma pesquisa que envolva a cidade como um espaço formativo, e sugerimos perceber tal fato a partir da Feira Central de Campina Grande - PB, e com isso, perceber que o conhecimento do patrimônio abarca uma preocupação em democratizar os saberes e fortalecer a noção de cidadania. E por meio desta, propiciar maiores compreensões de que há diversos ambientes educativos, desmistificando que à escola é a única que detém

o saber, bem como um olhar mercadológico sobre a feira. E diante disso, apresentaremos, portanto uma pesquisa sobre educação e cultura, a partir de um olhar do patrimônio cultural, da história cultural e da memória coletiva. Já que o primeiro, devido sua diversificação dos grupos que integram a sociedade, vale ressaltar que ele também incentivam o diálogo entre diferentes culturas. Nesse sentido, a observação dos patrimônios abre caminho para que tenhamos a oportunidade de nos reconhecer e reconhecer os outros.

Dessa forma, o patrimônio cultural de uma sociedade, região ou nação, que oferece várias peculiaridades em suas características, é reconhecido e protegido dentro de suas categorias. Assim, por meio de um olhar cultural e educacional torna-se possível no universo da Feira, já que o mesmo é um patrimônio cultural, se percebida a partir das relações sociais em que são tecidos os significados e sentidos, para diferentes sujeitos sociais, que neste local produzem cultura e educação. Para embasamento teórico-metodológico de nossa pesquisa, utilizamos vários trabalhos anteriores realizados sobre a Feira Central de Campina Grande – PB – sendo extremantes valiosos tais como os estudos da história cultural, história oral, patrimônio cultural, cidade e iconográfica, que contribuem para a nossa análise sobre a Feira.

Diante disso, o estudo aponta, portanto, a tentativa de contemplar aspectos da educação e cultura na Feira, procurando entender esse espaço como algo não estático, mas sim um patrimônio cultural e uma produção humana contínua com suas diversas atividades na vida cotidiana dos sujeitos da nossa sociedade.

2. A cidade: uma relação entre saberes

Sabemos que, os indivíduos estabelecem relações singulares de socialização e interação nos diversos ambientes sociais, desse modo, podemos perceber que com essas interações os sujeitos sociais adquirem novos saberes, fazendo com que surja novos sujeitos e espaços educacionais.

Sendo assim, consideramos em nosso artigo a Cidade como um espaço educacional, destacando a Feira Central de Campina Grande - PB, como sendo um desses novos ambientes, que podem contribuir para o disseminar os saberes adquiridos na relação homem/meio.

E sobre isso, Carlos (2009) afirma é uma realização humana, produto e obra, por isso tem dimensão do movimento da vida. Nesse sentido, vemos que o entendimento do que de fato seria a cidade, se faz a partir de variados eventos tais como: o modo de vida urbano, o cotidiano, os valores, as culturas, a interação, entre outros fatores. E é através do trabalho do homem na cidade, por meio da interação social, que é possível haver transformação constantemente, modificando a vida do cidadão, interferindo em seu cotidiano, em suas perspectivas, desejos e necessidades, transformando suas relações com o outro e suas relações com a cidade uma maneira de apropriação e reprodução do ambiente inserido.

Então, seguindo essa reflexão Pesavento (2007), ressalta que a cidade é, sobretudo, uma materialidade erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza; na sua compreensão, é também sociabilidade uma vez que é representada por relações sociais, interação, ritos, festas, comportamentos e hábitos. E ainda sensibilidade que são as emoções e sentimentos pelo ser urbano. E sobre isso afirma ainda: “A Cidade é sempre o lugar no tempo, na medida em que é um espaço com reconhecimento e significação estabelecidos na temporalidade; ela é também um momento no espaço, pois expõe um tempo materializado em uma superfície dada. Entretanto, esse tempo contado se dá sempre a partir de um espaço construído, e não é possível pensar um sem o outro” (PESAVENTO, 2007. p. 15).

3. A Feira um patrimônio cultural: numa perspectiva educacional

O termo patrimônio cultural está vinculado à ideia de herança paterna, de alguma coisa que se transfere de uma geração para outra, de um tempo para outro, o que nos leva ao conceito de memória, já que o patrimônio é tudo aquilo que faz parte da cultura, de tudo que se ensina e transforma-se em informação. Desse modo, a memória é categoria fundamental na área do patrimônio cultural, sendo que se preserva um bem cultural pelo que ele representa para uma sociedade no que se refere à identidade cultural e ao exercício da cidadania.

Segundo Martins (2007), Assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, da mesma forma, cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o

universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido através do processo de viver.

Abordamos anteriormente a cidade segundo alguns estudiosos como um espaço formativo, diante disso, é pertinente pensar à Feira como também sendo um espaço educativo, como já foi mencionado. Sendo considerada por muitos estudiosos como um local onde frequentemente se estabelecem relações comerciais apenas. Discordamos deste tipo de opinião, consideramos que a Feira constitui num grande cenário de expressões sejam eles artísticos e/ou culturais. Neste espaço, podem ser identificados e visualizados aspectos definidores de uma região e localidade que evidenciam valores costumem formas de viver, laços de sociabilidade e de convivência.

Desta forma, de acordo com Martins (2007), cada lugar é definido por sua própria história, ou seja, pela soma das influências acumuladas, provenientes do passado, e dos resultados daquelas que conservam maior relação com as forças do presente e dão suporte ao desenvolvimento do grupo.

Diante disso, em nossa pesquisa observando na Feira, os possíveis elementos que podem contribuir para a educação, percebemos que, neste espaço há, sobretudo, democracia, pois se entrelaçam o rural e o urbano, onde pessoas nativas destes dois universos, de diferentes classes sociais, entrecruzam-se no ambiente da feira e estabelecem relações de amizade. Na realidade, esta é também uma mistura de trabalho, lazer e entretenimento para muitas pessoas que para ela se dirigem e dela participam.

Assim em nossa análise, foi possível perceber que a sociedade é representada pelos seus patrimônios, assim consideramos a Feira como sendo um deles, pois nela estão representadas as ideologias, culturas, religiões, instituições, organizações e território, tudo representando o processo de construção das forças ativas de seus membros.

A Feira Central de Campina Grande evidencia uma ligação com a cidade, considerando suas especificidades sócio-econômicas apresentadas, esteve presente no cotidiano de grande parte da população tanto urbana como rural, fazendo parte de seu desenvolvimento urbano e comercial.

Vale lembrar que, a história da urbanização da cidade de Campina Grande, que é a segunda maior e mais importante cidade do Estado da Paraíba, com população

estimada em 383.764¹ mil habitantes, tem um forte vínculo com suas atividades comerciais desde os primórdios até os dias atuais. Primeiramente a cidade foi lugar de repouso para tropeiros, em seguida se formou uma feira de gado e uma grande feira geral (grande destaque no Nordeste). Posteriormente, a cidade deu um grande salto de desenvolvimento devido à cultura do algodão, quando Campina Grande chegou a ser a segundo maior produtora de algodão do mundo. Sendo uma das maiores do Nordeste, funcionando todos os dias, é conhecida nacionalmente pela sua dimensão e diversidade de produtos, são comercializados todos os bens necessários à população urbana e rural. Desde alimentos, produtos agropecuários, até móveis e utensílios domésticos, vestuários, calçados e ferramentas.

Ao longo de nossas entrevistas orais e dos relatos a Feira Central de Campina Grande é para muitos um espaço de negociantes, como também um ambiente permanente de ocupação, para outros apenas uma complementação de renda familiar e para muitos é sua segunda moradia. A Feira Central de Campina Grande, se constitui e é representada através dos personagens, da cultura, nos momentos de negociação, no tipo de vestuário, nas construções das barracas, nos apelos verbais, momentos de lazer e nos descontraídos jogos de brincadeiras. Assim, a memória coletiva é compreendida a partir das vivências cotidianas e sempre relacionada aos grupos sociais, isto é, memória do indivíduo também depende de seu relacionamento com a família, a classe social, a escola, ou seja, a importância do grupo de convívio e de referência desse indivíduo com os quadros sociais.

Em nossa pesquisa observamos que adentrar na feira é deixar-se contagiar pela multiplicidade de situações de trocas simbólicas, formas específicas de integração, e foi essa interação com o outro, que nos proporcionou ter um olhar diferenciado sobre a Feira, através das inúmeras possibilidades que a mesma oferece para transmitir conhecimento. Conforme ressalta o depoimento do feirante:

Eu Trabalho há muito tempo na Feira, mais de 14 anos, deste de criança frequento a Feira, nela aprendi não só a comercializar mais a viver, e onde quero ensinar meus filhos também. Ela não significa pra mim, apenas um lugar de comercio, mas sim um ambiente de relações com as pessoas, fazendo uma troca de conhecimento, na qual eu tenho muitos amigos e clientes que me

¹ IBGE, 2009.

ensinaram que o importante de se viver melhor, e aqui me sinto bem. (Mário , Box de Variedade²)

A partir da observação do cotidiano das pessoas em seu local de trabalho elementos capazes de exemplificar práticas educacionais, que nos remete a pensar que a Feira é um espaço que produz conhecimento diversificado buscamos a interação deste ambiente com a educação.

Destarte, a memória coletiva dos feirantes confirma o espaço da feira como um lugar de sociabilidade, sensibilidade e como tradição familiar. Essa experiência cotidiana está na forma de viver, na forma de vender na feira, é essa prática pedagógica e afirmadora das identidades dos feirantes. Como é confirmado no relato do feirante:

A Feira central de Campina Grande foi a minha infância, minha vida adulta e hoje curto a melhor idade ainda presente nela, aqui criei minhas duas filhas que são doutoras e sinto orgulho disso. A Feira me ensinou a ver as coisas com outros olhares, aprender a respeitar e amar o próximo. Ela é minha primeira casa, um ambiente onde me sinto bem e reconhecido socialmente (Edivaldo, Vendedor de Carne³)

Assim, foi possível perceber, o forte sentimento de pertença à Feira, pois as pessoas que nortearam nossas entrevistas orais, apresentaram muitos índices desse sentimento, este que, propicia o bem estar no ambiente de convivência, fazendo com que o mesmo se torne muito mais do que um espaço de trabalho e sim de sociabilidade e sensibilidade. Diante disso, seria interessante que nas escolas, os docentes incluíssem nas suas aulas, propostas de “atividades-campo”, para que os alunos possam não só conhecer, mas perceber a grandeza de conhecimentos que as feiras podem propiciar em diversas áreas, tais como geografia, matemática, história, português, cidadania, entre outras disciplinas. E que nesse espaço, há uma troca de conhecimentos, tanto pelos consumidores quanto pelos comerciantes.

A Feira Central guarda hoje, diversos elementos desse passado recente, convivendo entre o *velho* e o *novo*, de tal forma que nos propicia uma educação informal. As feiras livres foram adquirindo durante a fase de modernização das cidades, múltiplas faces e formas que diversificam de acordo com cada país, cidade ou comunidade onde se estabelece.

² Entrevista realizada em 25/05/2010

³ Entrevista realizada em 25/05/2010

Araújo (2006) afirma que a Feira, consiste em um espaço físico, onde encontramos o comércio, a troca de mercadorias e sua diversidade, mas acima de tudo relações interpessoais que envolvem pensamentos e ações de indivíduos diferentes, dentro de um mesmo espaço físico, abrigando assim uma vasta subjetividade de valores simultâneos com temáticas ecléticas, que em conjunto “formam” a memória coletiva, sendo essencialmente um documento da História viva presente.

A historiadora Araújo (2006), mostra que a feira central, apesar das transformações devido a concorrência dos supermercados, lojas de conveniência e Shopping Center, continua a representar um espaço importante de troca mercantil, de sociabilidades e práticas simbólicas. É bem feliz a definição da feira como “patrimônio cultural”, no sentido em que é um espaço social construído não só por monumentos, mas, também, por valores, tradições, memórias, experiências, práticas de troca e sociabilidade, que são transmitidas de formas ressignificadas através das gerações, seja de feirantes ou de consumidores. Como afirma o feirante “A feira mudou muito, hoje num tem mais muito gente comprando, num tem mais balaieiro, num vê mais violeiro na feira, mudou muito, nem criança vê direito. Mas o que importa é que ela faz parte da nossa história.” (Zeca Box de Variedades⁴)

Considerações Finais

O trabalho desenvolvido revela que os discursos presente nas falas dos feirantes da Feira Central de Campina Grande – PB, que a mesma pode ser considerada um patrimônio cultural, já que o processo produtivo e as práticas sociais, se dar através da cultura, na qual se dá a consciência de pertencer a um grupo de vivencia.

No decorrer desse estudo, procuramos abordar a Feira, como sendo um espaço formativo. Nesse sentido, a Feira é tomada como um espaço na qual as relações sociais são concebidas pela interação entre consumidor e vendedor, ocorrendo nesse momento a troca de conhecimentos. Vale lembrar que, é através da relação social do homem com o meio que se pode afirma a possibilidade de novos sujeitos e novos ambientes educacionais.

⁴ Entrevista realizada em 25/05/2010

Desse modo, foi possível perceber que, assim como a cidade não é apenas um amontoado de prédios, de acordo com a visão de Ana Fani (2009), a Feira também não é apenas monumentos e espaço de comércio, se fosse, ela perderia as suas características e toda a sua diversidade cultural, que está diretamente atrelada à história da cidade.

Diante disso, a Feira Central de Campina Grande é proporcionada, como uma instituição social, e que pode ser percebida como espaço que propicia aprendizagem. Por conseguinte, esperamos ter contribuído para a ampliação do debate sobre a importância das Feiras livres, especificamente a Feira Central de Campina Grande – PB, uma vez que esta apresenta suas peculiaridades sócio-culturais e históricas, relevantes para a nossa sociedade campinense, entendendo esta como um dos espaços formativos educacional da cidade um patrimônio histórico cultural.

Contudo, foi possível perceber, que há novos sujeitos que propiciam uma educação não-formal em diversos ambientes na cidade. Sendo assim, afirmamos por meio dessa análise realizada, que a Feira, por ser um patrimônio cultural, pode possibilitar e beneficiar de forma interessante os professores e alunos, a perceber a importância de se estudar e abordar em sala de aula esta temática, não só a sua história, mas também o seu valor cultural para a sociedade campinense. Ressaltando que devido à modernização em seu sentido mais amplo, alguns fatores interferem para que a população procure a Feira, e isso está fazendo com que sua cultura, identidade, valores, memória, seja cada vez mais esquecida, e assim se faz necessário um estudo com um olhar diferenciado sobre ela, lembrando do seu valor como patrimônio cultural.

Referências

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. Múltiplos discursos sobre a Feira de Campina Grande – PB. Campina Grande: Agenda, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Cidade. 8. Ed. 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.

CAMBI, Franco. História da pedagogia. – São Paulo: Editora UNESC, 1999 – Encyclopaedia.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. 2 ed. Paz e Terra, 1999. vol. II.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

GÓMEZ-GRANELL, Carmen e Vila, Ignacio. Org. [et al]. A cidade como projeto educativo. trad. Daisy Vaz de Moraes – Porto Alegre: Artmed, 2003.

LEMOS, Carlos A. C. O que é Patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARTINS, Clerton. Patrimônio da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2007.

MAUAD, Ana M. Fotografia e História: possibilidades de análise. In: Maria Ciavatta; Nilda Alves. (Org.). **A Leitura de Imagens na Pesquisa Social: História, comunicação e Educação**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. Florianópolis: LED/UFSC, 2000. 118p.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisada. 5 ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

PEREIRA, Jr. Francisco. Feira de Campina Grande, um museu vivo na cultura popular de folclore nordestino. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. IN: Revista de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, nº 53, jan-jun, 2007.